

A SEARA NOVA RENASCIDA: EVOCAÇÃO DE UM DEMOCRATA OCTOGENÁRIO QUE RELEMBRA OS SEUS DEZASSETE ANOS

O período correspondente ao princípio dos anos vinte deste século, à semelhança aliás do actual, foi de autêntico «deserto ideológico» para os jovens democratas de então até ao aparecimento, em Outubro de 1921, da revista *Seara Nova* e do grupo «seareiro» formado por grandes figuras nacionais onde avultavam os nomes de Jaime Cortesão e Raul Proença (António Sérgio só viria a entrar mais tarde, como é sabido) e ao qual também pertenceu o então muito jovem advogado Azeredo Perdigão, felizmente ainda vivo e vigoroso.

Os republicanos históricos, esgotados talvez pelo seu ingente esforço de mera propaganda *contra* a Monarquia, haviam praticamente desertado da cena ideológica, a qual passara a ser ardente e agressivamente ocupada apenas ou quase apenas pelos monárquicos integralistas que procuravam radicar em Portugal, sob pretextos nacionalistas e com argumentos pseudo-patrióticos, as opiniões políticas da «Action Française» e as ideias visceralmente reaccionárias de Charles Maurras, o futuro germanófilo «colaboracionista» dos anos quarenta.

Pontificavam no combativo pelotão integralista alguns escritores de mérito, talentosos sem dúvida mas superficiais, que influenciavam profunda e até decisivamente a mocidade que despertava para a vida política e social, sobretudo a estudantil, sem que as suas teses, persuasivamente advogadas, sofressem a contestação e a crítica dos pensadores republicanos. Recordo, por exemplo, entre vários outros, António Sardinha, Hipólito Raposo, Alberto Monsaraz, Pequito Rebelo, Luís de Freitas Branco, Afonso Lopes Vieira, Luís de Almeida Braga, todos eles, sem dúvida, homens honestos e sinceros, intelectuais não



comprometidos com a defesa de interesses materiais e que até, a maior parte dos que se conservaram vivos, não pactuariam mais tarde com o salazarismo, por muito que o ditador tivesse encontrado as raízes da sua ideologia, tal como a expôs no premonitório discurso programático da «Sala do Risco» do Arsenal da Marinha, na prégação integralista.

Os estudantes republicanos eram relativamente poucos, como raros eram aliás os professores universitários militantemente republicanos, não estavam organizados, e apresentavam-se mal apetrechados doutrinariamente para enfrentar com segurança e algum êxito os combativos, imaginosos e ousados integralistas, tanto mais quanto estavam imersos numa grande maioria de indiferentes e abúlicos.

Falo de tudo isto com algum conhecimento de causa porque, tendo nascido em 1904 e frequentando naquela altura o último ano liceal, já adquirira maturidade suficiente para me deixar sensibilizar pelos acontecimentos, a propaganda e as polémicas da vida política nacional. Quando *Seara Nova* entrou em cena, com o seu belo, sugestivo e até impressionante *número um*, brilhante no seu contexto formal, profundo no seu conteúdo ideológico, os estudantes democratas, muitos deles filhos e netos de republicanos históricos (era o meu caso), compreenderam que lhes chegava finalmente o apoio intelectual por que tanto ansiavam e de que tão prementemente careciam para enfrentar com perspectivas de sucesso a insistente e perturbadora doutrinação monárquico-integralista que, sob a capa de um portuguesismo tradicionalista que seduzia as massas, difundiam ardorosamente os ideais da... reacção francesa.

Conservo bem viva na minha memória a funda impressão causada na juventude da época pelo primeiro número da revista agora auspiciosamente renascida, então colaborado por grandes vultos nacionais que hoje já atingiram ou estão prestes a atingir o seu primeiro centenário, e o certo é que posso afirmar serem raros actualmente os portugueses vivos tão aptos como eu me sinto a prestar este depoimento pessoal, aliás modesto.

Assinante de *Seara Nova*, só o comecei a ser a partir do número 500, de modo que não possuo, na minha bem conservada colecção, o famoso *número um*. O certo, porém, é que dele ainda hoje claramente me recordo, decorridos que vão mais de sessenta anos, não textualmente, como é óbvio e até natural, mas com suficiente nitidez para poder agora evocar o impacte invulgar que teve na desamparada juventude democrática daquela época: além dos ensaios e meros artigos, todos eles merecedores de ávida, estimuladora e reconfortante leitura, continha esse primeiro número de «Seara Nova», em grande evidência tipográfica, curtas mas incisivas frases de doutrinação e crítica que feriam desde logo as atenções do leitor, se retinham facilmente na memória e de imediato recebiam a nossa convicta adesão, como armas certas que sentíamos que seriam na luta de ideias que nos competia travar contra o «integralismo lusitano» que tantos ecos despertava na opinião pública e que, alguns anos depois e para infelicidade dos portugueses, viria a servir de alicerce e roupagem à ideologia retrógrada em que se baseou o «Estado Novo», de triste memória.

Não sei agora bem se a demolidora análise crítica que Raul Proença fez na *Seara Nova* das equívocas teses monárquico-integralistas começou ou não naquele primeiro número; sei, porém, que ela não tardou a desenvolver-se em números sucessivos e que, com implacável e segura lógica e um raciocínio dedutivo por assim dizer matemático, nos trouxe a demonstração de que o nacionalismo integralista, por mais «lusitano» que ostensivamente se proclamasse, era todo ele de proveniência estrangeira, importado directamente de França, cópia servil dessa «Action Française» que viria, no seu país, a afundar-se miseravelmente no colaboracionismo com os alemães durante a guerra de 1939-45 (*)

Encontramo-nos, outra vez, numa difícil encruzilhada ideológica, agora de



caminhos vários; estamos de novo, passada a euforia trazida pelo 25 de Abril, confrontados com a eterna «reacção»; uma neo-reacção mais subtil do que a dos anos vinte, já que pouco conserva da carranca ultramontana (reduzida como esta se encontra a vestígios e sem sombra do prestígio intelectual que teve), para afivelar a máscara neo-liberal e se afirmar «democrática», o que os integralistas honestamente jamais fizeram.

Constitui, destarte, nosso imperioso dever, o dever austero de democratas dos novos tempos, «seareiros» actualizados, tão ciosos da sua independência como os primeiros foram, lutar pela democracia socialmente avançada e garantidora das liberdades públicas (por isso mesmo genuinamente pluralista) que a nobilíssima e tão vilipendiada Constituição de 1976, ainda que desvirtuada pela revisão, se propôs e propõe instaurar neste velho país, dando corpo institucional aos generosos «ideais de Abril» Vale isto, se bem pensarmos, por todo um árduo programa político e a premente necessidade de o defendermos justifica, *só por si*, o reaparecimento de *Seara Nova* após o seu silêncio demasiado prolongado.

Abril de 1985

(*) Os artigos em causa foram mais tarde reunidos num volume sob o título «Integralismo Lusitano» e ainda hoje se lêem com proveito.